

---

ANDRADE, Daniel Pereira. **Nietzsche**: a experiência de si como transgressão (loucura e normalidade). São Paulo: Annablume, 2007.

### Wagner de Barros

Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, SP - Brasil,  
e-mail: wagnerbarro@yahoo.com.br

---

O título do livro de Andrade já indica o campo em que seu trabalho situa-se. Trata-se de uma interpretação da obra de Nietzsche. No entanto, loucura e normalidade fazem parte de um cenário temático que é explorado por outro filósofo, no caso, Foucault. O primeiro capítulo tem como nome *Genealogia do discurso de Nietzsche 1: Os saberes-poderes e sua formação discursiva*. É conhecido o procedimento genealógico nietzscheano, que busca reconstruir a formação de certos valores. Já o poder, como observa Foucault, possui um vínculo intrínseco com o saber. Por exemplo, o saber médico constitui um poder sobre o paciente. Desse modo, antes mesmo de começar uma leitura do texto de Andrade, já podemos ter uma noção bem clara da proposta do autor: pretende-se compreender a autobiografia de Nietzsche mediante as ferramentas conceituais oferecidas por Foucault.

A novidade do texto consiste exatamente em sua proposta. Não se sugere investigar Nietzsche como tradicionalmente se faz em filosofia e isso pode gerar uma determinada apreensão. Principalmente quando se constata que o tema é a biografia de Nietzsche, registrada em *Ecce Homo*. Aqui, um olhar desconfiado ergue-se, pois há um certo descrédito quando alguém propõe-se a falar da vida de um filósofo e se é conhecida a frase de que a vida não interfere na validade do pensamento. Mas então esquecemos o que o livro coloca como problema. A voz pessoal de Nietzsche é analisada segundo uma forma de resistência contra um discurso, um saber-poder. Andrade não visa um estudo da vida de Nietzsche, mas de como a biografia nietzscheana apresenta-se como uma transgressão da normalidade, colocando a própria norma do discurso dos saberes-poderes contra si mesmo.

O primeiro capítulo busca estabelecer o lugar no qual se encontra o texto nietzscheano. Andrade retoma conceitos do pensamento de Foucault, como os temas dos mecanismos de poder, a dominação do corpo, as técnicas e

as normas disciplinares. Esses conceitos serão relacionados com o ato da fala e da confissão. Todo discurso está subordinado a um poder. No caso da confissão clínica, ela é submetida ao saber-poder médico, que busca encontrar o desvio da norma. Aquele que confessa é o sujeito autor. Mas este último é incapaz de compreender a si próprio, portanto a intervenção de um especialista é necessária. O médico possui o saber-poder e, deste modo, ele é o único capaz de diagnosticar o paciente, individualizando-o e buscando o seu tratamento. Assim, Andrade observa que *Ecce homo* poderia ser interpretado enquanto uma confissão de Nietzsche e o médico teria o objetivo de encontrar sintomas da loucura do filósofo. Todavia, a autobiografia nietzscheana transgride esse discurso a partir do momento em que Nietzsche, ao falar de si, também é aquele que julga. Conseqüentemente, Nietzsche situa-se dentro do discurso médico e a transgressão ocorre quando o filósofo, por meio daquele saber-poder, inverte os seus valores. Para que isso seja possível, Andrade expõe, no capítulo primeiro, o diagnóstico que Nietzsche faz de si. Dessa forma, o tema da herança paterna marcada pela doença, a questão da dinâmica dos instintos, a vida e o amor a si são postos não enquanto conceitos de um sistema de filosofia, mas enquanto um diagnóstico que Nietzsche faz de si.

O segundo capítulo, mais longo e que tem o objetivo de lidar com os conceitos-chave da filosofia nietzscheana, inicia-se com a exposição de alguns acontecimentos da vida de Nietzsche. Andrade visa identificar os mecanismos de poder no qual Nietzsche foi submetido. A escola, os estudos na universidade de Leipzig, a família que reproduzia os valores cristãos, assim como o cargo de professor na Basiléia fizeram de Nietzsche um ser normalizado, dominado pelo poder disciplinar. O filósofo não estava apenas submetido à norma, como uma regra que é imposta de forma exterior, mas era almejada pelo próprio sujeito. Conseqüentemente, a norma tornava irrealizável um contato de Nietzsche consigo mesmo: “Com isso, o poder disciplinar colonizava a relação de si para consigo mesmo que constituía “Nietzsche” como sujeito moral e, em grande parte, a substituía” (ANDRADE, 2007, p. 110). O cuidado de si só foi possível com o advento da enfermidade. Assim, Andrade explica como a doença foi responsável pelo questionamento de Nietzsche frente aos poderes disciplinares.

A enfermidade faz com que o autor de *Ecce Homo* interrompa todas as suas atividades. Com a doença, Nietzsche é obrigado a se afastar do cargo de professor e, conseqüentemente, da universidade. As atividades extraem do corpo uma força cada vez maior, atingindo um limite cuja resposta era oferecida pela incapacidade de se seguir adiante. As interrupções foram fundamentais para que Nietzsche se colocasse fora dos mecanismos de poder

ao qual era submetido. A doença ofereceu um afastamento, possibilitando o questionamento de tudo aquilo que o subordinava. O debate com o cristianismo surge como consequência dessas crises, pois elas fizeram com que Nietzsche problematizasse o sentido da vida.

A experiência de si como transgressão, em Nietzsche, é reconstruída por Andrade de forma cautelosa e detalhada. Após expor os acontecimentos e forma pela qual Nietzsche transgride os mecanismos de poder, resta ainda explicar o cuidado de si. Este último ocorre pela insuficiência e a incapacidade do tratamento médico. Embora Nietzsche recorra ao saber médico, ele não se submete a seus cuidados. Trata-se, na verdade, de interpretar a própria enfermidade e buscar a cura por si mesmo. Surge, neste sentido, um conjunto de práticas relacionadas a si. Andrade destaca, como consequência desta nova relação que Nietzsche estabelece de si para consigo mesmo, quatro aspectos éticos que foram enumerados por Foucault: a substância ética, o modo de sujeição, a elaboração do trabalho ético e a teleologia.

O primeiro ponto está vinculado à dinâmica dos instintos e a força vital. O cuidado de si busca o acréscimo e o crescimento das forças vitais. O homem tem como meta o aumento de sua energia. O modo de sujeição teria como traço fundamental a ausência de regras e o que se denomina de perspectivismo. Os valores, que revelam uma forma de vida, não são iguais para todos. Sendo assim, cada um deve buscar por si mesmo os valores que julgam necessários para o desenvolvimento da força vital. Não há uma regra ou uma norma moral universal. Já na elaboração do trabalho ético, Andrade aborda mais especificamente o tema da vontade de potência. O homem, constituído por instintos e uma luta de impulsos, procura sempre algo a mais. O trabalho terapêutico, portanto, é fundamentado no amor próprio e no cultivo de si, cujo objetivo principal é levar o homem a tornar-se o que se é. Na questão da teleologia, Andrade expõe a ausência de fim na vontade de potência. O cultivo de si relaciona-se com a dinâmica de forças. Seu objetivo é desenvolver a autoconservação. O homem não deve eliminar determinados instintos, mas saber dominá-los, ou melhor, hierarquizar e separar. Diante do amor-próprio e do cultivo de si, ele transforma-se em medida dos seus próprios valores, escolhendo por si mesmo o que lhe é próprio e se auto-afirmando.

Andrade observa que, com a filosofia nietzscheana, os instintos passam a ser interpretados como algo positivo. O amor-próprio e o cuidado de si apóiam-se na luta de forças. Sem a guerra dos instintos, a vida é destruída, da mesma forma que a vontade de potência e a superação são postas de lado. Nietzsche rompe com o critério voluntário/involuntário, visto que os instintos

também se manifestam de forma inconsciente. Mas o filósofo recusa igualmente a norma como um símbolo de saúde, pois ser saudável é definido enquanto uma busca de mais força. Andrade descreve como esse processo contém a solidão, o sofrimento e a doença.

A solidão revela-se como uma condição da busca de si: “A solidão é o que lhe permite escapar à normalização e desenvolver uma nova relação consigo mesmo, que lhe possibilita tornar-se o que se é; [...]” (ANDRADE, 2007, p. 146). Longe de uma relação que impede o homem de tomar contato consigo mesmo, ele poderá se auto-interpretar. Sofrimento e solidão seguem em uníssono no processo terapêutico. O sofrimento também demonstra o estar situado além das normas. Ao contrário da felicidade, que possui uma conotação de conformismo, o sofrimento é a expressão da coragem, pois não encontramos no homem o medo de olhar para o abismo. Nietzsche sacrifica a si mesmo para a busca de mais força, para o aumento de potência.

Andrade demonstra como o tema da alteridade aparece no cuidado de si. O homem saudável deve relacionar-se com homens saudáveis e esse relacionamento deve seguir a dinâmica das forças. Isso significa que, se o cuidado de si tem como ponto central o aumento de potência, então a relação com o outro deverá seguir a mesma linha: “O cultivo de si permite a constituição de si como *medida* e como *principio seletivo* dos pares e das formas de relações a se estabelecer” (ANDRADE, 2007, p. 177). A relação saudável será aquela na qual a guerra dos instintos é mais forte, isto é, a relação com o outro deve propiciar a superação de si. Por esse motivo, encontra-se na filosofia nietzscheana o desprezo pelo fraco e pela moral dos escravos. O homem forte não deve se curvar diante de um inimigo impotente. A moral da compaixão e da resignação é uma doença porque impossibilita o acúmulo e o aumento de forças. Nietzsche subverte novamente os mecanismos de poder, visto que o homem bom não é aquele que segue as normas ou renega a si em nome do outro. O homem saudável é aquele que busca a luta e a guerra. O conformismo e a norma são sinais de decadência, de uma doença porque nelas encontramos a resignação e o esquecimento de si.

Andrade ainda observa que os seus textos são obras que manifestam a criação de si, algo que está sempre se construindo e não um eu sólido. A biografia modifica-se de acordo com as novas relações que são adotadas ou segundo o cuidado de si que exprime a dinâmica dos instintos e a constante superação. Trata-se, assim, da vontade procurando estar sempre além. Nesse sentido, os opostos são incorporados e há espaço para a transvaloração dos valores.

O segundo capítulo finaliza com algumas considerações sobre o ato de confissão. Andrade retoma os temas apresentados já no início do texto. Na confissão de Nietzsche, encontramos uma subversão do discurso normalizador. Ao se colocar como sujeito que fala, sujeito do qual se fala e o sujeito que analisa, Nietzsche entrega a responsabilidade para o doente. Este último deve buscar a sua verdade por meio de si mesmo. Além disso, só o paciente pode compreender as suas vivências. Com efeito, a figura do médico é destruída, já que o cuidado de si está baseado no aumento de forças. A saúde será configurada de acordo com a criação de si e não enquanto conhecimento de si. Em suma, como conclui Andrade, trata-se de uma responsabilidade sobre si.

O terceiro capítulo trabalha mais detidamente com a questão da loucura. Andrade começa com a explicação da morte do sujeito cartesiano na filosofia de Nietzsche fundamentada no múltiplo e destaca a análise do filósofo sobre o papel da linguagem. Contrário ao pensamento do estático, Nietzsche brinca com a linguagem fazendo com que esta atinja o seu limite. O conceito não abarca a devir. Assim sendo, para expressar o movimento dinâmico da vida, Nietzsche destrói a linguagem por ela mesma: “[...] Nietzsche buscou exprimir o vir-a-ser através dos jogos com uma linguagem desaprisionada.” (ANDRADE, 2007, p. 240). A língua possui agora um novo significado: ela é um jogo, as significações são modificadas de acordo com a força de vida que nela atua. Neste aspecto, a insanidade de Nietzsche revela-se enquanto fragmentação de sua fala. A loucura ocorre no processo da superação de si, na desmedida onde a normalidade é sinal de doença. Este transbordamento de força, que impossibilita qualquer forma de compreensão conceitual, traz consigo a dor e o prazer, a saúde e a decadência, manifesto tanto na linguagem como no texto biográfico de *Ecce Homo*.

Andrade explica também as diversas apropriações que o pensamento político fez da obra do filósofo. Discute as múltiplas interpretações nazistas, a apropriação do movimento expressionista, da direita radical, do nacionalismo, do racismo, enfim, todos os movimentos que procuravam apropriar-se do pensamento nietzscheano. A base dessa grande polêmica era a validade de sua filosofia, transformando-o em um “caso”: Nietzsche era um louco, um doente mental, ou um louco mitológico, um profeta, mas também poderia ser um homem normal, um filósofo racional que escreveu um pensamento coerente. Contudo, o que subjaz todas as interpretações é a separação entre loucura e normalidade. Nesse sentido, Andrade traz o pensamento de Foucault de forma exemplar. A separação entre normalidade e loucura é uma relação de poder. Nietzsche, enquanto paciente, fica subordinado às

interpretações classificatórias. Incapaz, o filósofo não pode se defender. Mas Andrade demonstra que a obra nietzscheana escapa de qualquer forma de normalização. Os textos autobiográficos de Nietzsche são transgressões, nele o saber-poder é colocado em xeque.

No discurso normativo, há uma tentativa de deixar o paciente no silêncio. Conseqüentemente, a voz transgressora de Nietzsche não é ouvida. Desse modo, o desafio nietzscheano não é considerado e constatamos um outro silêncio: silenciam-se as suas provocações. Uma segunda forma de silenciar o autor é a balburdia dos saberes dominantes que procuram ocultar os gritos de Nietzsche. Assim, Andrade assume a tarefa de demonstrar como *Ecce Homo* rompe com este silêncio. Primeiramente, o silêncio é rompido com a provocação que Nietzsche faz aos seus leitores. Ao pedir para ser ouvido, o filósofo faz falar aqueles que tentam compreendê-lo. O silêncio por parte dos inimigos é concebido como uma falta de força, uma recusa ao enfrentamento. Nietzsche subverte o silêncio ao utilizá-lo a seu favor. No caso da tagarelice dos saberes dominantes que tentam ocultar a voz do filósofo, Nietzsche denuncia o quanto a sua obra foi incompreendida por causa da exterioridade entre pensamento e vida, pois “Nietzsche atrela o entendimento à vivência” (ANDRADE, 2007, p. 264).

Ao discutir a questão do valor da interpretação das obras nietzscheanas, Andrade aponta os problemas nas leituras filosóficas. No ensino da filosofia, pretende-se compreender o autor por meio da coerência e da trama conceitual do seu pensamento; pela sua metodologia e sua lógica inerente. Contudo, uma leitura como esta pressupõe um sujeito transcendental, que organiza as experiências e racionaliza o seu pensamento. Todavia, o discurso de Nietzsche impossibilita qualquer forma de normalização porque não está fundado em uma visão logocêntrica da verdade. Não é a razão que perpassa os textos de Nietzsche, mas a dissonância, a multiplicidade, o conflito das diferentes interpretações. Ao escrever, Nietzsche expressa o vir-a-ser, o fluxo contínuo da vida que é a vontade de potência e a dinâmica das forças. As interpretações filosóficas clássicas de Nietzsche são tentativas de “congelar” este movimento contínuo.

Outro modo de silenciar Nietzsche é considerá-lo um homem normal. No entanto, ao interpretá-lo de tal forma, Nietzsche é enquadrado nos mecanismos de poder. A transgressão é desconsiderada, ou melhor, calada. A anormalidade é negação da razão que solidifica a vida. O delírio e a loucura são recusas às verdades convencionais e expressam uma independência, pois o homem adquire uma interpretação própria da realidade e cria a sua verdade. Conseqüentemente, os valores são invertidos: loucura é estar além dos mecanismos de poder que domesticam o homem e ser um homem normal é um estado doentio.

A última forma de leitura das obras de Nietzsche, apontado por Andrade, é buscar no discurso autobiográfico sinais de sua doença. A diferença desta interpretação provém da negação da fala. O discurso não é considerado como algo racional, mas sintomas de um estado de anormalidade. Andrade retoma Foucault e alguns pontos já iniciados nos primeiros capítulos. Disserta como a cura se realiza mediante a confissão. Pela confissão é possível saber em que estado o doente se encontra. A transgressão de Nietzsche inicia-se no reconhecimento das verdades que lhe são impostas e no compartilhamento do saber médico-psiquiátrico, tornando-se médico de si. Porém, ele continua na posição de paciente. O livro *Ecce Homo* é, ao mesmo tempo, a fala de um doente e o discurso de um analista. Além disso, o saber médico-psiquiátrico é submetido ao discurso do doente e os valores são invertidos. O paciente anormal recebe o poder da fala e do diagnóstico. O conhecimento médico é tomado como uma perspectiva e a cura surge enquanto cuidado de si, isto é, como tentativa do próprio homem experimentar a si mesmo e prescrever o que lhe é necessário. Dessa forma, loucura e doença mental são desvinculadas.

O discurso autobiográfico de Nietzsche coloca o saber-poder em contradição, a linguagem volta contra si mesma. Todo o esforço e o ideal construído na base da racionalidade, universalidade e identidade é diluído em vistas do diferente, fragmento e dinâmico. A loucura é o contraponto que faz o homem contemporâneo refletir sobre a sua condição: “Ao deslocar a razão e a normalidade de seus privilégios de essência e limite da Humanidade, ele [Nietzsche] despatologiza as diferenças e os desvios” (ANDRADE, 2007, p. 300).

Enfim, de acordo com Andrade, não se deve compreender Nietzsche segundo os saberes instituídos, mas deixar que a sua voz rompa o silêncio, libertando o homem para novas possibilidades de existência. Nietzsche é o contraponto da história, pois problematiza o estatuto da razão que define a humanidade. Em sua autobiografia, Nietzsche subverte a norma porque ele é o louco que conhece a sua loucura e o único que pode prescrever o que lhe convém. Conseqüentemente, ele torna-se livre para se experimentar e ser o senhor do seu próprio destino. Andrade finaliza o livro chamando a atenção para essa mensagem de Nietzsche, isto é, não ler o autor como algo externo ou um conjunto de idéias coerentes ou ilógicas, mas uma mensagem que é direcionada a nós mesmos. Nietzsche deve ser um exemplo, um “educador”. Sua filosofia não é um sistema que está no museu da história das idéias, porém um discurso que provoca o nosso mais profundo interior. Ao fazer experimentações consigo mesmo, Nietzsche convida-nos a pensarmos as nossas próprias experiências.

Embora se tenha uma sensação de um texto prolixo, o livro de Andrade explora a transgressão de Nietzsche em diversas frentes. O livro de Andrade também adquire uma característica peculiar porque os conceitos da filosofia nietzscheana são interpretados de tal forma que atinge certa sistematização, mas, ao mesmo tempo, ele encontra-se fora das interpretações tradicionais. O texto não deixa de ser uma provocação às determinadas leituras filosóficas de Nietzsche, pois tradicionalmente interpreta-se um autor respeitando a lógica dos conceitos e a unidade do seu pensamento. No entanto, o que está na base deste estudo são as ferramentas proporcionadas pelo pensamento de Foucault. Retoma-se, assim, o título do livro e a intenção do autor: demonstrar como os discursos autobiográficos nietzscheanos transgridem os mecanismos de poder.

Recebido: 27/02/2008

*Received:* 02/27/2008

Aprovado: 15/ 03/2008

*Approved:* 03/15/2008